

A ILLUSTRAÇÃO

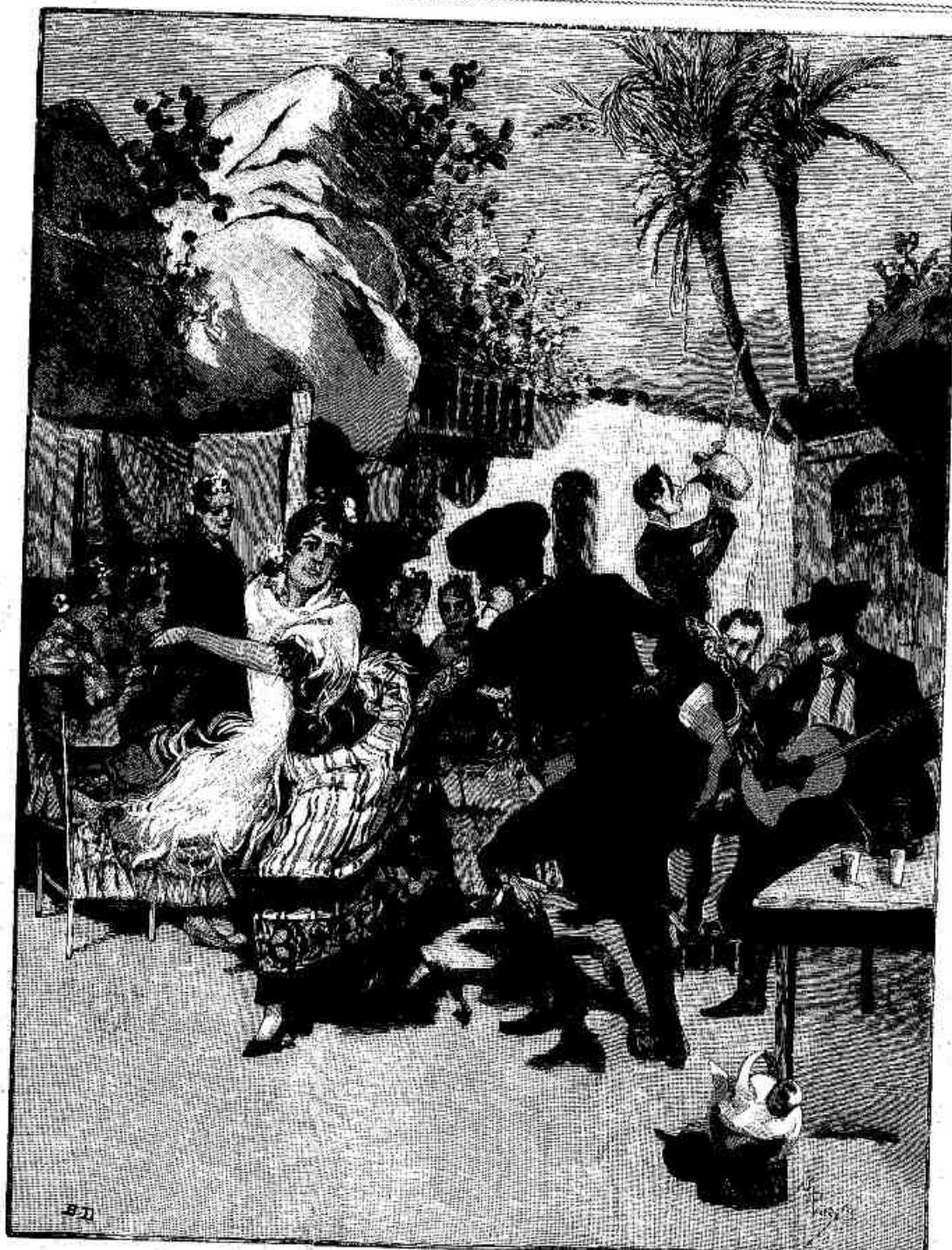
DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

N.º 20.—VOLUME VI.

PARIS 20 D'OUTUBRO DE 1889.
Escriptórios : Paris, 13, Quai Voltaire.

SEXTO ANNO

AVISO. — ABRIR ESTE NUMERO COM MUITO CUIDADO, PARA NÃO CORTAR A GRAVURA CENTRAL



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — AS GITANAS DE GRANADA NO CAMPO DE MARIE. — UN TANGO.

Em consequencia do muito espaço que hoje ocupa a grande gravura das FESTAS COLO-
NIAES, vemo-nos forçados a pôr de lado muitos artigos, entre outros a CHRONICA do
nossa director Mariano Pina, e isto para não
perder a sua actualidade a chronica par-
siente do nosso illustre colaborador GIESS.

A TRAVÉZ DE PARIS

A distribuição das recompensas. — Um prodigo de
mecânica. — Duas vantagens de não jogar o xadrez.
Muitos caminhos e poucos eleitos. — A agonia d'uma
Exposição. — A derrota de Boulanger. — Os veda-
deiros vencidos. — As vibrações de Mount Sully. —
As ondulações do actor X. — Uma triste notícia.

COM acompanhamento de fanfarras entre-
cortadas de discursos, perpetrou-se ha-
dias a distribuição das recompensas aos
expositores. Foi naturalmente o sr.
Carnot, lúdico e lustroso como sempre, quem
presidiu a esta solenidade grandiosa. O me-
canismo engenhoso que dirige os passos e os gestos
do ilustre Presidente da Republica, funcionou
admiravelmente durante toda a festa. O sr.
Carnot entrou, cumprimentou, sentou-se, erguendo-se, cum-
primentou e saiu, sem o mais pequeno acoice. O
assombro foi geral quando o nobre chefe do Es-
tado se levantou em meio do recolhimento uni-
âmido e pronunciou um discurso com voz clara e
forte. Desde Vaucanson que se não vira nada si-
milante. Parecia uma pessoa verdadeiríssima!

O discurso que a particularíssima ilusão presiden-
cial articulou deante das 20000 pessoas maravilhadas que o escutavam, foi um primor de bom
senso e de cortezia. O sr.
Carnot, com um dia-
phragma vibrante da mais nobre componção e um
cylindro de cérebro impregnado da mais elevada
philanthropia, dissero durante meia hora — e sem
se lhe notar o menor vislumbre d'esse accentuado
nasal e polichinélico de que Edison ainda aí
hoje não pudera corrigir o seu maravilhoso instru-
mento — sobre os benefícios da paz e os fructos do
trabalho. Estamos longe, como se vê, da ingénua
fórmula *Fápá, mamá*, a que se reduzira outrora a
eloquência dos mais afamados oratórios. Negue-
xe depois disto o progresso das industrias mo-
dernas!

Apozar d'estas e outras experiências em que o sr.
Carnot tem dado os mesmos excellentes resultados,
ainda ha espíritos azedos, fanáticos do passado, que
lhe mostram rebeldes ao entusiasmo e contestam o
valor da maravilha. A um d'estes caturros incurre-
ntes ouvi eu afirmar desenhosamente ha dias que o sr.
Carnot nem sequer jogava o xadrez. A ac-
cusação é grave, pois que, segundo se sabe, Vau-
canson em fins do século passado, construiu um
jogador de xadrez que praticava o *chiqué d'estrada*
com uma desenvoltura verdadeiramente singular
e que, tendo um dia, por um acaso sem
precedentes, perdido uma partida com um adver-
sário de carne e osso, se desarranjou por dentro
de desgosto e por tal forma, que nunca mais foi
possível concertá-lo.

Não me consta que o sr. Carnot jogue effecti-
vamente o xadrez; mas basia-me a circunstância
de elle se não achar exposto ao acidente de que
foi vítima o seu predecessor, para me explicar o
motivo por que elle se não dotou com similar
prenda. Na previsão dos altos destinos que o
aguardavam, o sr. Carnot presumiu-se com um
mechanismo sólido e robusto, que na despeito
pueril nunca ha de perturbar e que promette para
bem de França, longos annos de serviço irrepre-
hensível. Jogar o xadrez, é bom; mas funcionar
com segurança, é melhor. ora, sob este ponto de
vista, o sr. Carnot é absolutamente *warranted*.

« Vontando porém a distribuição de recompensas, cumpre dizer que elle deu logar como na bí-
bila, a muitos rangidos de dentes. Os expositores
eram sessenta mil. Metade apenas receberam
prémios, o que equivale a anunciar que houve
trinta mil descontentos.

Este cálculo é ainda modesto, porque entre os
recompensados muitos ficaram desgostosos com o

grau da recompensa. Não havia inventor d'um saca-
rolhas aperfeiçoado que não sonhasse desde a
abertura da Exposição com o *Grande Diploma de
Honra*. Ao vêr-se galardoad com uma medalha de
bronze, esse homem de genio poze a ciúme. Al-
guns d'estes talentos incompreendidos não se limi-
taram a manifestar o seu despeito pelos meios plati-
tonicos da imprensa em família, e affixaram nas
suas respectivas exposições taboetas com dizeres
ultrajantes para os membros do jury. Mas logo
sobre elle, desceu o corisco vingador da adminis-
tração, aniquilando as taboetas e expulsando os
descontentos. E logo se fez o silêncio da resigna-
ção.

A Exposição está agora virtualmente terminada.
A coroação dos trinta mil benemeritos foi o último
quadro d'essa grandiosa mágica — a apoteose a
fogo de Bengala como no *Excelsior*. Muias duas
semanas de resplandecente agonia, o tempo de subi-
r e descer o pano entre os aplausos, e a hora
fatal soará. O tempo de resto já nos está prepa-
rando para estes melancólicos funeráres. Um vento
agreste e sibilante suspira as árvores meio despo-
jadas. D'um céu de fulgo alvado pingam sornome-
ntamente aguaceiros glaciaes. O solo está juncado de
folhas mortas. A bronchite e o coryza sacodem entre
bruma que ao pôr do sol se eleva da selva satu-
rada de humidade, e insinua-se como reptis col-
leantes por entre as pregas ridículas dos pardessus
de moda, pendentes como sacos e largos como
sobrepelizes. A noite pelas avenidas, há pouco
regorantes de gente, polas galerias onde mal se
pôde circular, são já raros os visitantes, e de dia
mesmo a baixa dos tickes accusa a escassez da
procura e a diminuição de concorrência.

A Exposição, filha do Sol e da Primavera, está
morto!

* * * Valerá ainda a pena falar das eleições? O
escrutínio de desempate obteve o mesmo sucesso
de glacial indiferença que o escrutínio precedente.
A não ser nas paróquias onde até o ultimo instante
os candidatos travaram desordens renhidas a
golpes de cartazes multicolores, era impossível ou-
vir durante o dia ou vislumbrar de animação extra-
ordinária se o se endesse fosse. A noite, formavam-
se na circulação dos boulevards alguns aneurismas
que um cordão de agentes da polícia ia tranquil-
amente laqueando, sem que nenhuma d'estas ope-
rações desse lugar ao mais insignificante inci-
dente.

A derrota do boulangerismo accentuou-se com os
desastres de Turquet, de Vergoin, de Micheiu e
sobretudo com o de Rochefort, para o qual se quis a
vitória de uns doze ou quatorze correligionários
anônimos se afigura compensação muito insufi-
ciente. A eleição de uma duzia de Nicots e d'Al-
barts, profunda e obscura e brotados de não sei
que subcâmara revisionista, está longe de equi-
librar o efeito do cheque d'um só Andricus, cuja
linda constante pelúcia era uma das mais perigosas
armas parlamentares do boulangerismo.
Este hem o sei, triunpha com Laguerre, e com
Naquet, cuja bossa tantas vezes foi cogida pelo
bravo general nas horas felizes de expectativa an-
ticipada, mas que parece haer perdido as suas prias nas
virtudes de fetiche. São dois bons cabos de guerra,
mas sem soldados nem municiões. Que farão elles,
contra a muralha viva dos 360 republicanos, que o
odio a Boulanger reconcilia os seus antagonismos
e funde no mesmo bloco impenetrável e com-
pacto?

E a bella barba-lolita em que estari meditando a
estas horas? Não se lembrarão elle das horas lumi-
nosas de outrora, em que, fresca e perfumada a
cosmético, fluctuava o sabor da brisa que enfuma-
va as pregas das bandeiras, e à luz do sol bril-
hando nas arestas das bayonetas? Confessará d'esta
vez a bella barba-lolita que fez uma tolice irreme-
dível em trocar a presa da sombra, e em aspirar
a inacessíveis altitudes, ella que já tanto subira e
que tão alto pairava? E dados estes tristes e som-
brios pensamentos, não se terá elle a bella barba-
lolita, rapado a si proprio de despeito e de desa-
perço?

Não é da bella barba que eu tenho mais pena a
estas horas. De quem me compadeço é dos pobres
diabos que haviam posto n'ella a sua esperança, e
que por ella comprometeram o futuro e a vida.
Militares hoje expulsos do exercito ou desterrados
para garnições longínquas, pequenos empregados
demitidos das administrações, ou reformados an-
tes de tempo, e, com exigüos vencimentos, vós todos
que hoje vos debatéis na miseria e na angústia das
existências quebradas, e que me parecels dignos de

do, mas muito menos ainda, porque fostes imprudentes, do que as vossas mães, esposas, e filhas, que essas soffrem, sem haverem commetido nenhum crime, sem mesmo terem sido boulangeristas!... O famoso dia 12 de setembro, que devia ser o das desfertas e das restituições, deixou todas as coisas no mesmo estado; e não é provável que o caixa do *Intransigente* continue até as proximas eleições a pagar os ordenados dos empregados demitidos por causa de Boulanger. E' pois para estes a miseria sem phrases, a carreira perdida, a vida despedaçada. Pobres diabos!...

* * * Nos teatros, o mais absoluto *status quo*. Houve a *reprise* de *Theodora* por Sarah Bernhardt, mas uma *reprise* não é uma novidade. O tenor Cossira continuou a enroquecer no *Romeu e o actor* Mount-Sully a vibrar no *Hamlet*. Recomen-
do-lhes este verbo. Está em moda agora, mas es-
pecialmente para Mount-Sully, que também anda
muito vibrante com os ensaios do *Mahomet*. Este
autor puxa a vida a vibrar. Quando elle vibra, a
coisa vai bem. Os autores espiam ansiados o mo-
mento solemne em que o phénomeno se produz.
E pelos corredores, durante os ensaios, ouvem-
se vozes afixadas de dramaturgos que chegam tarde,
perguntando: « *Elle já vibrou?* »

Não tarda a aparecer por obi o actor que on-
dula e a actriz irradiante. O tenor *phosphorecente*
fica reservado para a critica do vigessimo seculo.
Não lhes fallo da *Lucta pela Vida*, cuja *primeira*
está imminente se não para lhes dar uma noticia
bem triste. O author, Alphonse Daudet, o adora-
vel artista tão amado em Portugal, está gravissima-
mente doente. Sofre d'uma doença terrível, o amole-
lecimento da espinha, que lhe tortura o corpo, mas
que lhe deixa intacta inteligencia ou lha exa-
ceba ao mais agudo grau. Sabem como este
grande e superior espírito passa as horas da vida,
tão radiante outrora, tão lobregus e sinistras ho-
je? Curvado sobre as páginas do seu block-notes,
expiando as sensações que a doença accorda nos
seus nervos, e notando-as uma a uma, com a mais
implacável fidelidade. Debalde os amigos, debalde
a sua extremosa e intelligentissima esposa procura-
m arrancá-lo a esse trabalho dilacerante e distra-
hi-lo o espirito para imagens mais rissonhas e estu-
dos menos dolorosos. O analysta cruel que vive
dentro d'aquele fino e doentio organismo acha em
si proprio um *caso curioso*, e não quer perder.
Contra todos os esforços, mas grado todos os pe-
didos, lá vai elle continuando hora por hora,
quasi minuto por minuto, o processo verbal minu-
cioso e dilacerante, da sua propria agonial...

GIESS.

ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

A UNS OLHOS AZUES

*Cahe a folha da rosa pudibunda,
Cahe a rosa da face original,
Cahe das nuvens a aguia moribunda,
Cahe o sol na montanha occidental.*

*Cahe a onda na praia, cahe do sonno
O poeta na lug; e cahe das mãos
Dos despotas o sceptro, elles do throno,
Como a seus pés cahiram seus irmãos!*

*Cahe dos labios o riso; cahe dos olhos
A lagrima tambem, que d' alma sahe;
Cahe a rocha no mar, cahe nos abrolhos
A flor de lit; de touro a folha cae.*

*Cahe do céu a centetha incendiaria,
A nuvem cahe se um sopro Deus the dd,
Cahe ante o dia a noite solitaria
Como o falso Dagon ante Jehovah.*

*Cahe tudo, flor! cahe tudo; eu só não edio:
Mais que um rei, que o so, igual a Deus,
Cahir, mulher! só posso a lug d' um raios
Se elle cahir do céu dos olhos teus!*

JOÃO DE DEUS.

AOS NOSSOS LEITORES

AVISO IMPORTANTE

Continuamos a receber todos os dias de Portugal dezenas de bilhetes postais dos nossos estimáveis Assignantes e Compradores avisos, pedindo-nos para que passemos a publicar a ILLUSTRAÇÃO **trez vezes por mês**, em vez de duas vezes, como tem sido até hoje.

Não sabemos como agradecer a todos elles, não só a promptidão das suas adesões, mas as palavras de elogio e de sympathia que nos dirigem, e que tanto nos tem penhorado e enchedo de orgulho.

De todos os pontos de Portugal nos chegam adesões entusiásticas, principalmente de muitas Senhoras, o que nos prova que a ILLUSTRAÇÃO está sendo o jornal das famílias. Todas querem a nossa revista **trez vezes por mês**, para assim poder ser mais variada, e poder inaugurar nas suas páginas o romance ilustrado.

E' por isso que pedimos encarecidamente a todos os nossos leitores de Portugal e do Brasil que ainda não puderam responder ao nosso convite, que n'um bilhete postal assim dirigido:

DIRECTOR DA ILLUSTRAÇÃO

13, Quai Voltaire, 13

FRANCE

Paris.

nos digam se querem ou não, que a ILLUSTRAÇÃO passe a publicar-se **trez vezes por mês**.

Não podemos fazer uma tão importante alteração, que nos obriga a maiores sacrifícios para melhorar e desenvolver a nossa revista, sem termos em nosso poder a opinião de todos elles. Cada declaração deve trazer claramente escrito o nome e a morada de cada leitor.

Terminada esta consulta, e se a grande maioria dos leitores quiser a ILLUSTRAÇÃO **trez vezes por mês**, — começaremos logo a publicação de magníficos romances modernos, primorosamente ilustrados pelos primeiros artistas de Paris.

A ILLUSTRAÇÃO ficará assim à altura das primeiras revistas da Europa, — mostrando ao público de Portugal e do Brasil as últimas novidades das Artes e das Lettras.

Tudo isto depende apenas da vontade dos nossos queridos Leitores.



AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — AS GITANAS DE GRANADA

MAIS das curiosidades da Exposição para todos os parisienses e para todos os viajantes do norte da Europa, — é a dança das Gitanas no Grand Théâtre do Campo de Marte, companhia de gitanas capitaneadas pelo senhor Pepe, e que maravilha os apaixonados de pittoresto e de cõr, com os seus fandangos e tangos, de movimentos e rythmos tão lascivos...

Esta raça misteriosa, que em França é conhecida pelo nome de *bohémien*, na Alemanha de *teiganes*, em Espanha de *gitanas* e em Portugal de *ciganos*; que parece ser d'origem ándica e vindas das margens do Sudeste onde ainda se encontram tribus que tem o mesmo tipo e falam a mesma língua; esta raça misteriosa trabalha e luta pela vida, com grande esprito do orgulhoso espanhol que pensa que o homem só nasce para descansar ou para a guerra,

Os ciganos, a quem na Edade-Média chamavam *cryppos*, — são na Alemanha os que leem no futuro; na Hungria são mestres ambulantes; na Rússia carpinteiros e veterinários; em Espanha e Portugal são estalajadeiros, ferreiros, cardadores e negociantes de gado. As raparigas, as ciganas, quando são bonitas, estacionam à tarde e à noite diante das portas de Granada e de Sevilha, e por algumas moedas de cobre entregam-se em plena ruia, com toda a liberdade, à suas danças sensuais.

E' este espetáculo d'uma companhia de ciganas, com os seus chales de cōres vivas, flores nos cabelos, um grande peito de tartaruga em forma de leque cravado na nuca, tocando pandeiretas e cas, tambores, cantando e batendo com os mãos, que constitui no Campo de Marte um dos espectáculos mais apreciados dos povos do norte, principalmente dos franceses e dos ingleses.

O nosso distinto colaborador Paris achou a scena digna de figurar n'uma gravura, — e hoje oferecemos-a aos leitores da ILLUSTRAÇÃO, para que vejam que sucesso tem tido em Paris, em telle Exposição, tudo quanto tem sido uma amostra fiel do pittoresto e do carácter de cada paiz.

A Espanha com as suas *gitanas*; a Rússia com os seus muicos populares; o Oriente com as suas almas; sem faltar das colonias francesas; tudo tem obtido o mesmo sucesso de curiosidade e de estudo, como a galeria das máquinas ou a torre Eiffel.

A DISTRIBUIÇÃO SOLEMNE DAS RECOMPENSAS

A nossa gravura representa a distribuição solemne das recompensas aos expositores do Campo de Marte, que se realizou no domingo, 29 de setembro ultimo na nave principal do Palácio d'Industria dos Campos Elyseos — d'este paiz que ha pouco mais de trinta annos era espaçoso bastante para conter uma exposição universal, e que hoje é pequeno para conter apenas a multidão dos expositores e jurados de 1889 presentes em Paris!...

Em face da entrada principal via-se o estrado presidencial. Na sala estavam os jurados, comissários franceses e estrangeiros, congressistas, deputados, senadores, académicos, principais expositores de cada paiz, conselheiros municipais, delegações do exército, da marinha, das escolas, da academia de medicina, do conselho d'Estado, etc., etc. — formando um curioso e imponente conjunto de casacas pretas, de casacos bordados, d'uniformes e de condecorações. Na sala, à direita do estrado presidencial, onde o sr. Carnot se achava, tendo os seus lados os presidentes das duas câmaras, o ministro e o corpo diplomático, — havia a orchestra, em que os musicos e os cōr os faziam um total de oito centos executantes, sob a direcção de M. Jules Garcin, regente da orchestra do Conservatório de Paris.

A cerimónia começou às 2 horas da tarde por um formidável toque de clarins que retenho em todo a nave; em seguida ergueu-se o pano do teatro que feava à direita do sr. Carnot e que constitui o fundo da grande nave. Sobre o imenso palco d'uma decoração admirável, a mesma que havia servido para a execução da *Ode triunfal*, viu-se agrupados os guardas das classes, segurando em bandeiras tricolores. A maior parte do pessoal exótico da secção colonial, cujos tipos se vêem hoje na nossa grande gravura, estava agrupada ao fundo.

Um soberbo cortejo composto de todas as comissões estrangeiras pôs-se então em marcha, descedendo lentamente pelas vastas escadarias que se vêem ao fundo, na nossa gravura, e que conduzem ao primeiro andar do Palácio d'Industria. Durante o desfile, a orchestra tocou a marcha do *Hamlet* e os cōr cantaram a apoteose da *Symphonie triomphale* de Berlioz.

Vinham na frente quatro *huissiers* da cidade de Paris. Caminhavam em seguida, por ordem alfabética, os comissários estrangeiros, trazendo desenrolada a bandeira de cada paiz.

Ao passar diante do Presidente da República francesa, os bandeiras inclinavam-se, e o presidente respondia com um gesto e com um curvar de cabeça.

Desfilaram umas após outras as comissões da República argentina, da Áustria-Hungria, da Bélgica, Bolívia, Brasil, Dinamarca, República dominicana, Colômbia, China, Grécia, Grã-Bretanha, Estados Unidos, Espanha, Equador, Egito, Guatemala, Haiti, Itália, Japão, Nicarágua, Noruega,

Holanda, Persia, Portugal, Rússia, Rumania, Rússia, etc. Portugal era representado pelos sr. — Conselheiro Mariano Cyrillo de Carvalho, presidente da Comissão; Gerardo Augusto Pery, chefe-de-estado; Mariano Pina, secretário; Visconde d'Azevedo Ferreira; Outoiro Ribeiro (Associação Comercial do Porto); e Visconde de Melicio, Mendes Guerreiro, Pereira Armada e Ricardo Loureiro (Associação Industrial de Lisboa).

Terminado o desfile do cortejo, os comissários estrangeiros tomaram assento em cadeiras que lhes estavam reservadas, em frente do estrado presidencial, e o sr. Carnot pronunciou o seu discurso de felicitações aos expositores e organizadores franceses da Exposição, de felicitações e agradecimentos aos comissários e expositores estrangeiros. E concluiu dizendo que — « a Exposição de 1889 terá servido a grande causa da paz e da humanidade. »

Depois pronunciou o seu discurso o sr. Tirado, presidente do conselho, ministro do Comércio e da Indústria, em nome do governo e como Comissário geral da Exposição. A seguinte estatística é extraída do seu discurso:

O numero dos expositores é superior a 60.000. Os júris ou grupos indicaram 32.468 recompensas. O júri superior, atendendo a 671 reclamações, elevou o numero das recompensas a franceses e estrangeiros a 33.139, que se dividem do seguinte modo:

Grandes Prémios.	903
Medalhas d'ouro.	5.153
— de prata.	9.670
— de bronze.	9.333
Mencões honrosas.	8.107

Além d'isto, foram conferidos 5.500 diplomas de diversas categorias a um numero igual de colaboradores.

É impossível dar-lhes a lista de todos os expositores portugueses e brasileiros que foram premiados em Paris. Mas tanto Portugal como o Brasil obtiveram as mais notáveis distinções, — à exceção de muitos expositores industriais portugueses sacrificados à incompetência ou à incuria de vários jurados escolhidos pela Associação Industrial de Lisboa, de que é presidente o sr. visconde de Melicio — *aristocrate double de journaliste* (Vid. *Guide bleu do Figaro*).

Assim por exemplo, a Fábrica de Faiâncias das Caldas da Rainha mereceu de todos os jurados da sua classe uma classificação de 20 valores. Ora os valores votados por unanimidade davam direito a *Grand Prix*, como aconteceu com o óleo do expositor português sr. Galache.

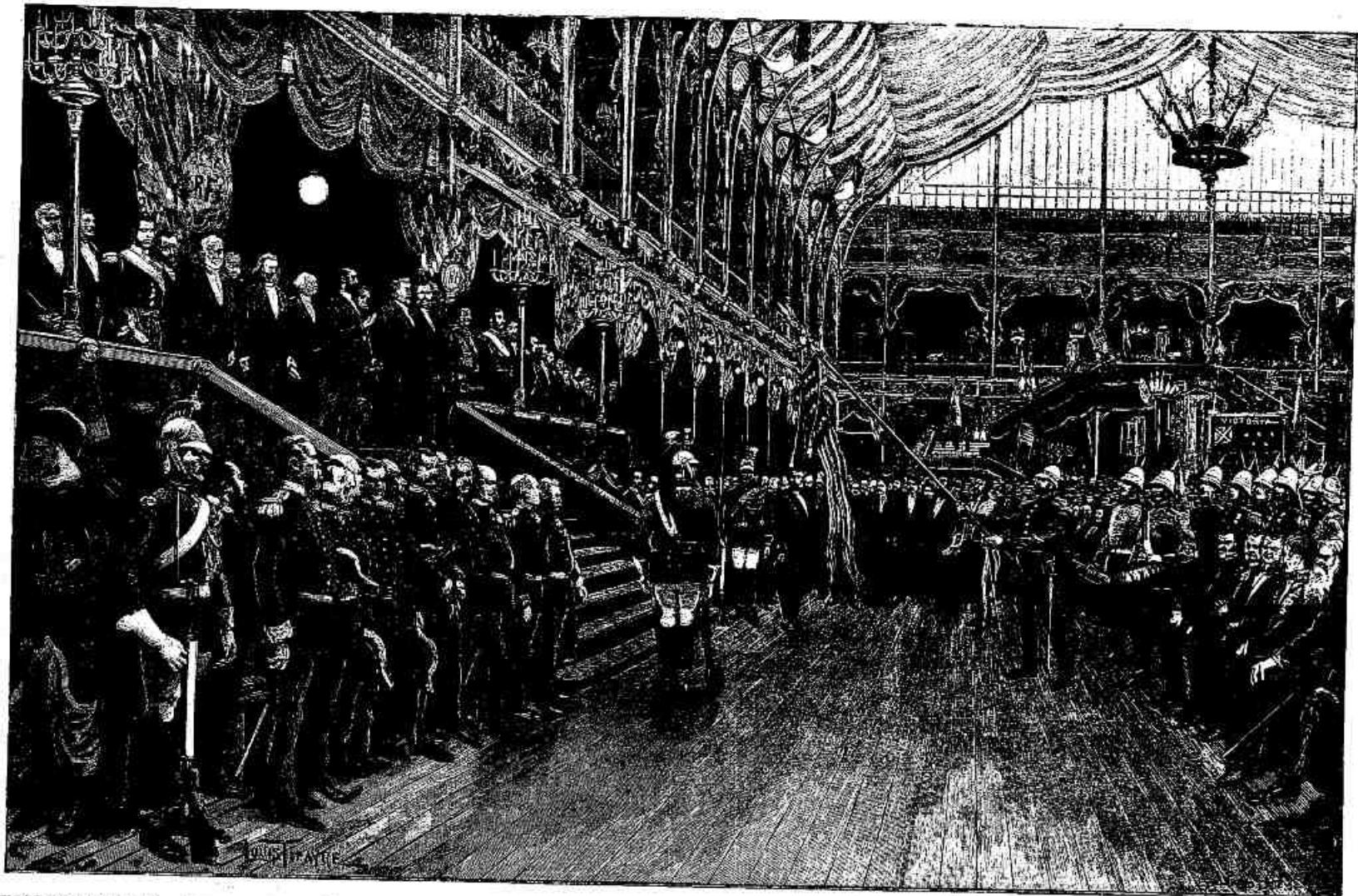
Mas como o director artístico d'essa fábrica se chama Rafael Bordalo Pinheiro; como o jurado português no lado dos jurados ceramistas estrangeiros se chama sr. Jerónimo Silva, vulgo Silva Industrias; e como o sr. Silva Industrias é o braço direito do sr. Visconde de Melicio; e como o sr. Visconde de Melicio foi caricaturado como todos sabem por Bordalo Pinheiro, — a fábrica das Caldas foi tratada de resto e só teve o que não merecia a menor discussão... a *medalha d'ouro*!

Um importante expositor de livros portugueses era a casa Ligan et Genlioux do Porto, sucessora de Chardron. Todos conhecem em Portugal as suas magníficas edições de romances, de poesias, de livros d'história, de livros de crítica, — todos de autores portugueses. A casa Chardron tem sido uma verdadeira protectora das lettras portuguesas. E agora mesmo o está provando, fazendo enormes sacrifícios para educar o público para uma revista, à altura das revistas estrangeiras — a *Revista de Portugal*, dirigida por Eça de Queiroz.

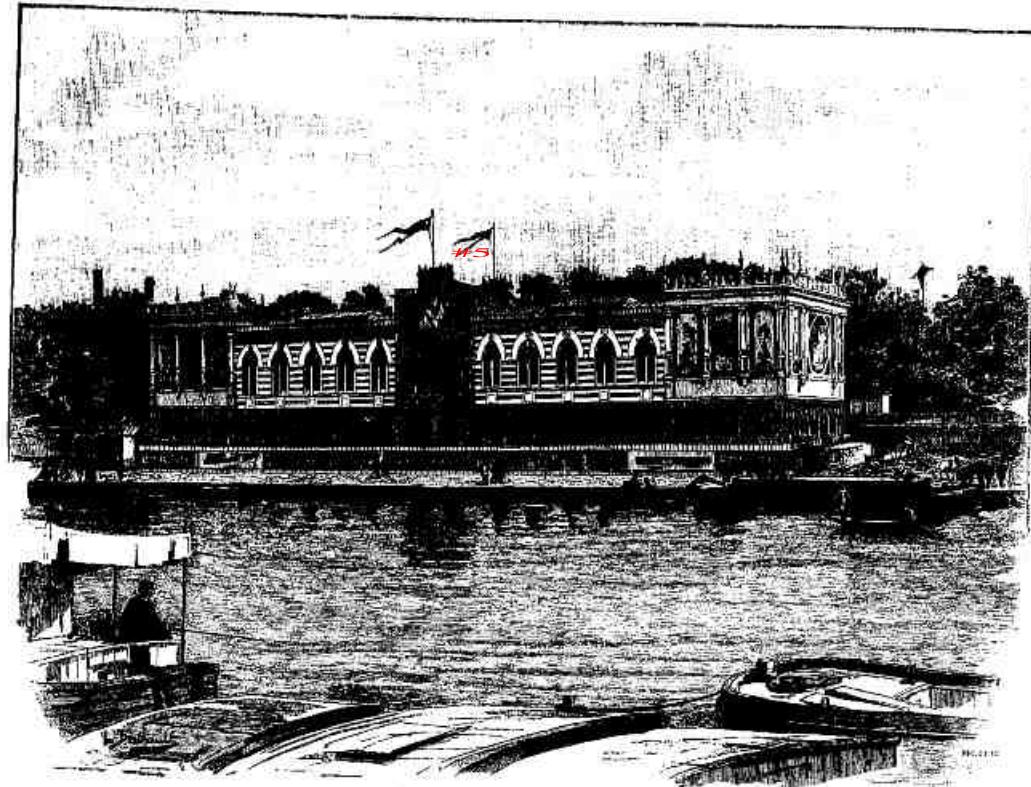
Pois a casa Ligan et Genlioux, antiga casa Chardron, que em todas as exposições tem obtido as primeiras recompensas — graças ao carinho com que o sr. Visconde de Melicio se ocupou dos interesses dos nossos industriais, só obteve... uma triste medalha de bronze!

Isto passou-se com a importante fábrica das Caldas, e com a importante casa-editora do Porto... Pela amostra que aqui deixamos, já os industriais portugueses podem ver de que lhes serve ter Melicio por presidente! Enquanto que Melicio se vê fingindo protector d'indústria e d'industrias, para se dar ares d'homem importante, e ter garantida a sua cadeira na câmara dos paços.

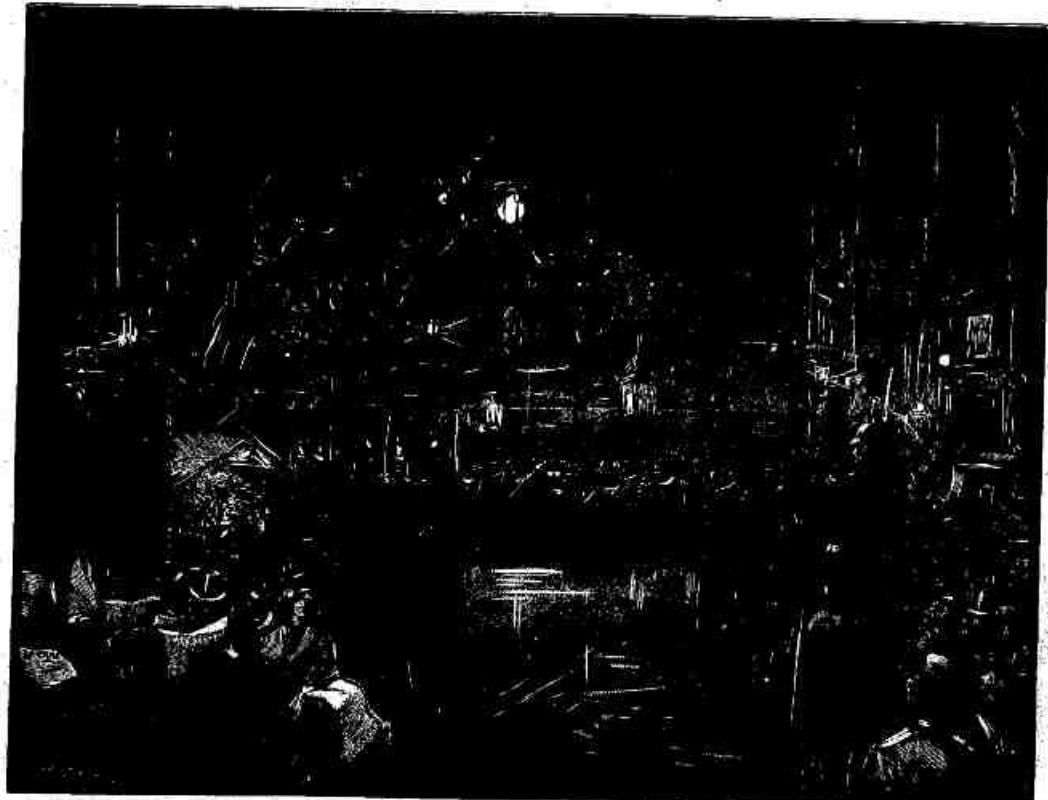
E é assim que elle se faz temido de todos os ministros... Que Melicio é que visconde! e que don-



EXPOSICAO DE PARIS. — A FESTA DO DISTRIBUICAO SOLEMNE DAS RECOMPENSAS, NO DIA 10 DE SETEMBRO NO PALACIO D'INDUSTRIA. — AS COMMISSIONES ESTRANGEIRAS DESFILEANDO DIANTE DO PRESIDENTE DA REPUBLICA.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O pavilhão espanhol, no cais n'Orsay.



AS ELEIÇÕES EM FRANÇA. — PARIS. — ASPECTO DO BOULEVARD nos Itálimos na noite do 6 de outubro.

AS FESTAS COLONIAES

Mas falamos da grande gravura que ocupa hoje oito páginas da nossa *Ilustração*, e que é igual em importância e valor artístico à que publicámos em tempos representando uma *Vista geral da Exposição de Paris*, e depois uma outra representando todos os aspectos da *Exposição Colonial da Espanha dos Inválidos*.

Palmos licença para lembrar aos nossos leitores que a *Ilustração*, apesar do preço exorbitante que atingiu o trabalho da gravura durante todo este anno; apesar da dificuldade que havia em obter desenhadores e em obter a compra ou a locação de gravuras, que eram disputadas a preço de ouro pelos jornais ilustrados d'Inglaterra e da América do Norte — nunca ousou pedir nem mais um real por cada numero, nem aos seus estimáveis assinantes, nem aos compradores avulso. O mesmo não fiziram os colegas nossos de Londres e de Viena d'Austria, que venderam pelo dobro os seus numeros avulso, e aumentaram a assinatura n'este anno excepcional de despesas por causa da Exposição.

Nós preferimos fazer todos estes sacrifícios para bem merecer a estima e a simpatia dos nossos leitores, e não abusar da justa curiosidade do público. Parecemos isto mais correcto, — e não nos arrependemos de ter feito, porque hoje contamos com a confiança de todos quantos assinam a nossa Revista, e que estão decididos a não nos abandonar para que a *Ilustração* venha ser o jornal por excelência das famílias portuguesas e brasileiras, mostrando-lhes pela gravura e narrando-lhes com a pena, tudo quanto se passa pelo mundo.

E quando chegam os serões d'inverno, cada novo numero da *Ilustração* é acolhido com interesse, como um amigo de todas as casas, levando as últimas notícias das artes e das letras, e uma vaga scintilação d'esse capital do mundo civilizado, que se chama — *Paris*! —

Mi voltemos à nossa gravura. Representa a cavalaria colonial, o famoso cortejo das colônias, que todas as seminas e visitantes admira na Espanha dos Inválidos.

Todas as semanas, duas vezes por semana, o cortejo se forma no extremo da rua principal dos Inválidos, toda bordada de pagodes e construções do Oriente e extremo Oriente. Ao som dotam-tam, vão aparecendo todos os exóticos que vierem a Paris, com os seus tipos e costumes pitorescos. Cada grupo tem o lugar que lhe compete. E o cortejo colonial põe-se em marcha, percorrendo toda a Espanha, por um de musicos extravagantes, deixando passados ou deslumbrados os curiosos, dos europeus ali reunidos, e que formam alas, olhando com respeito para aquelles tipos de todas as raças.

A nossa gravura representa o cortejo colonial tal qual ele é, quando está em movimento.

E' mais uma página, um sonvenir, d'esta grande Exposição que vai fechar d'aqui a dias, dispersando-se os maravilhosos ali contidos por todos os cantos do globo.

E aquelles dos nossos leitores que não lograram a ventura de vir a Paris, podem estar certos que a *Ilustração* aínta lhes haverá de mostrar muita maravilha d'este grande certame internacional.

São inumeras as gravuras que ainda temos por publicar, — e que não temos publicado por falta de espaço. Ainda temos, nois, com que entreter a curiosidade do público durante alguns meses.

De resto, a memória d'esta Exposição não se apaga tão depressa. As gravuras que formos publicando pelo inverno adiante, ainda serão uma viva e sympathica actualidade.

O PAVILHÃO HESPAÑOL

No mesmo castro d'Orsay, sobre o São, onta Portugal collocou o seu pavilhão, — a nosa visitante Espanha mandou construir o seu, do qual davam hoje uma interessante gravura.

A fachada podia dizer-se que é mourisca. Nas paredes, onde se abrem janelas reniformes que lembram gelosias da Alhambra, vêem-se largos escudos com a aguia de Carlos Quinto, o sceptro na garça, a coroa da Cibeles e as armas erigidas, no lado das armas da casa de Bourbon, com as flores do liz de França, as cadeias de Navarra, as torres d'Aragão, e a leão d'Castella.

O interior d'este vasto pavilhão, cuja conssecção é devida ao notável arquitecto hespanhol sr. Melida, lembra os velhos e sombrios palacios de no-

breza castelhano, meio mesquites, meio conventos, e acima de tudo castellos fortes, habitados pelos senhores-bandidos do tempo de Carlos V: — pequenos vidros encalhados em chumbo, abobadas sombrias, antigos frescos, pesadas columnas, alguns retratos d'antepassados, e um velho hidrante para nos explicar a histori. E assim nos julgamos transportados a uma decoração d'um acto do *Hamlet*.

Mas em vez da heróica decoração que nos sugere o aspecto exterior do edifício, deparamos com vitrines cheias de produtos alimentícios e de garrafas de vinho: Alicante, Malvazia, Xeres, Manzanilla...

Un passe, et des meilleurs!...

A Espanha, que é a nossa grande rival em vinhos nos mercados de França, não foi tão feliz, apesar da sua tradição e dos seus artistas, na instalação do seu pavilhão, como foi Portugal.

A comissão hespanhol, ou não teve tempo, ou não soube servir-se dos recursos de pintoresco do seu país, para dar ao seu pavilhão o realce d'originalidade e de carácter que deu ao pavilhão português, o grande talento de Bordalo Pinheiro.

E Portugal por mais que fizer, nunca será prodigo com aplausos para com o artista ilustre que soube erguer tão alto o nome do seu país.

O que desconsola é ver ainda colher honras quem — como o sr. Visconde de Melicio — ia comprometendo, sacrificando e desacreditando a nossa representação em Paris; quem, como elle, tão ridículamente defendeu os interesses dos industriais portugueses, junto dos júris internacionais da exposição.

E enquanto Bordalo Pinheiro passa ignorado de mundo oficial de Paris, — o inutil sr. Visconde de Melicio é feito commandador da Legião d'Honor... Isto é: o governo francês faz ao mesmo tempo commandadore da Legião d'Honor, o sr. Visconde de Melicio — e Edmon...

Lidamente que acima de todas estas coisas humanas, plana uma coisa chamada *Philosophia*, que nos ensina a bem estudar os homens, para d'elles fuzilmos cada vez mais, devendo nós viver da propria safrão dos nossos actos, e procurando apenas amar a nossa pátria — sem nos importarmos com os Melicio que a infestam!

Diz o proverbiaço árabe: — Os cães ladram, mas a caravana passa. — O que traduzido em português quer dizer: — Os Melicio enchem todas as estradas, mas o homem de talento ha de passar!... +

AS ELEIÇÕES EM FRANCA

Por mais que se faça, é impossível fugir à política! A política é como o cholera no Egypcio, ou como a febre amarela no Brasil. Quem poderá dizer que ha de escapar a qualquer desses flagelos?... Quem poderá jurar que nunca faltará empolitico?

Fazem-se d'esses juramentos todos os dias. Também a *Ilustração* os faz. Mas de repente aparecem eleições tão faltadas e tão descurtidas como as do dia 22 de setembro e 6 de outubro em França, — e não ha outro remedio senão quebrar o juramento, escrever sobre política, e publicar gravuras sobre política!

Os leitores sabem perfeitamente de que se trata e não precisam de mais largas explicações.

As eleições francesas de 22 de setembro, eram o grande combate decisivo da Republica contra os partidos conservadores, e contra o novo partido o boulangerismo, que os republicanos do poder afirmam ser um partido não republicano, mas cestrista.

O partido republicano afirma que a Republica saiu vence Jura da luta. Os partidos conservadores guardaram aproximadamente as mesmas posições na Camera.

Mas quem perdeu terreno foi o partido radical, dando lugar à formação d'um novo de deputados boulangeros, que vão formar um grupo perturbador na Camera francesa.

O general Boulanger ou o boulangerismo podem ter perdido d'importância; mas o que é inegável é que se formou um partido definitivo, que vai entrar turbulentemente em campanha, proporcionando-nos curiosas sessões parlamentares.

A nossa gravura representa o aspecto do boulevard dos Italianos, em Paris, às onze horas da noite de 6 de outubro, quando a multidão procurava saber o resultado das eleições de desempate.

Houve gritos, tumultos, cangas de cavalaria, vias lata, leão d'Aragão, morros! a Boulanger... Os jo-

nais eram disputados com fúria. Mas no dia seguinte Paris voltava a sua tranquilidade e a sua alegria habitual, — e os visitantes estrangeiros continuavam no Campo de Marte admirando tranquillamente as maravilhas da Exposição...

TSARINE PO DE ARROZ RUSSO
Aromatizado, suculento, fumado.
PREPARADA PELA VIOLET
20, Boulevard Haussmann, PARIS

A REVISTA DAS REVISTAS

CONVENIO LITERARIO
ENTRE PORTUGAL E O BRASIL

CAUSOU a mais agravante impressão em toda a imprensa portuguesa a notícia de que o ilustre jornalista português, sr. conselheiro Nogueira Soares, conseguira assignar um tratado com o Brasil, para garantir no império os direitos dos autores portugueses.

Não é aqui o lugar para nos espraiarmos em considerações d'este importantíssimo assunto, do qual dependia uma boa parte da fortuna dos nossos escritores. Limitemo-nos a transcrever as considerações que este facto suscita a alguns dos nossos colegas de Portugal.

Escrevem as *Novidades de Lisboa*:

Para se calcular o alcance da convenção, que no dia de ontem, — depois dos constantes esforços e do nunca afrouxado zelo do sr. ministro dos negócios estrangeiros — foi assinada pelo nosso representante no Rio de Janeiro, — o sr. conselheiro Nogueira Soares — fámos o quadro comparativo entre a situação em que se agora estavam os escritores e artistas portugueses e a que lhes abre, da hoje para o futuro, esse convenio.

Até aqui o escritor português, quer tivesse o seu nome feito e afigurado em obras homologadas e lidas com interesse, quer compasse apenas a dar os primeiros passos da sua vida, an mesmo tempo encantadora e amarga — nunca podia contar com o sucesso como fonte de regulara condicão material e regular.

Era preciso que o seu autor pelo trabalho e pela sua arte fosse verdadeiramente heróico para protegê-lo. Era porquê?... **heroico**

Porque o editor, pelo seu lado — em geral, em maiorias dos casos, esse temível monstro de ouvidos suaves e de olhos fechados para todas as sonoridades e brilhantes páginas que os polares autores lhe apresentavam — também se via a braços com as maiores dificuldades para a venda das obras que tornava como, para o desenvolvimento do seu comércio, que lhe era hostilizado pelas reproduções feitas, — sobre um ou dois exemplares d'aquele enviado, por toda a ordem de costas d'Brasil.

Esses factos, eram duplamente nocivos: — por causa d'aqueles reproduções, e em vista da que fazia à qualquer casa editora, apenas vinha esgotada a primeira impressão de exemplares editados em Portugal.

Podia, assim, considerar-se fechado para nós o mercado literario mais importante, através a extensão e d'importação d'esse império, todo a especie de contrato ao mesmo tempo encantador, útil para o autor e para o editor.

De hoje para o futuro — a situação é totalmente diversa. Salvaguardados os direitos dos autores e editores portugueses, o largo mercado d'esse grande e sympathico país, nosso irmão, para lhe longe, oferecendo todas as garantias na trânsito das produções literárias que uma e outra nação levaria com entusiasmo e interesse — jõ os autores podiam obter condições lisonjeiras que os animam para o trabalho, e que os tiram daquela quasi ridícula e fúria de fatigante resistência com que até aqui viviam.

Sobre o mesmo assunto escreve o *Dir.*, o jornal de Lisboa tão superiormente redigido por António Eanes, um autor dramático que tanto sofreu com a falta da propriedade literaria no Brasil:

Livro ou drama de autor português, de mérito ou de exílio, é grandemente reproduzido e representado no Brasil, com prejuízo dos autores e dos editores de Portugal. E o roubo dessa não bem organizado, a especulação dava tais lucros, que chegam para se alcançarem exemplares e cópias em Lisboa antes da publicação da obra, de maneira que, quando a edição é feita, o manuscrito da peça dramática chega a São Paulo, já o mercado estava inundado de livros de edição garantida e os dramaturgos já não contava de regras de representações.

Entre outros, pôdem servir de exemplo para esta ação de falsificação: D. Júlio, da *Ilustração Ribeiro*, e o *Salinense*, de António Eanes.

Não eram só os livros de simples literatura, tais como os de João de Loureiro, Herólio, Gomes, Thomas Ribeiro, João de Deus, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, que eram ali reproduzidos e vendidos por dezenas de gráficas e escrivanias, negociais se fazia com os livros esclarecendo principalmente os gramáticos dos nossos melhores autores.

No teatro, a rapina tomava proporções enormes. Se os empresários tivessem pago ao sr. Pinheiro Chagas

metade do que lhe deviam pelos direitos d'autor da *Morgadinho*, o ilustre homem de letras estaria hoje senhor d'uma boa fortuna, os *Larreiros*, do seu director o sr. Antônio Enes, desejaria que fossem publicados até hoje, quasi se pode dizer que raro é o mesquino que não luvados à cena em algum ponto do Brasil, e quanto a direitos d'autor, aviso os que receberam quando o drama foi publicado em folhetim na *Gazeta de Notícias*, nunca mais tornaram a fazer a viagem da América para Europa, Com o *Sertãozinho*, ainda a colas, foi mais escandalosa, porque faltou um actor português roubando descaradamente outro actor seu collega, o malogrado Antônio Pedro.

Em Portugal, uma vez ou outra aparecia uma edição contracéltica dalgum romance d'Almeida, pulito, reto e d'um roubo organizado em grande escala, fraca reprodução d'uma situação constante e lucrativa que enriqueceu muitos latrapões à custa do trabalho e da inteligência dos nossos escriptores. Manda, porém, a verdade que se diga que os latrapões e contracélticos de Brasil, eram na sua maioria filhos de Portugal, que para destruir os seus patrios se acostumaram à humilhação da bandeira brasileira.

Fazendo justiça aos extorços empregados pelo Ilustre ministro dos negócios estrangeiros, sr. conselheiro Barros Gómes, para a realização de

tais importantes tratados, escreve o *Tempo* de Lisboa:

Dove se a sua realização, que por tanto foi infructuosa, solicitada, é iniciativa e ao escrupuloso zelo do sr. conselheiro Barros Gómes.

Cabe, pois, a este ilustre estadista a glória de haver conquistado para os nossos homens de letras, prosaistas e poetas, uma situação, que ha muito tempo constitui a sua aspiração mais fervorosa.

O sr. conselheiro Barros Gómes veio á este modo vender o seu nome a uma obra de exímio valor, e veio jás no profundo reconhecimento de todos quantos vêm n'ela satisfactos os seus desejos.

POMBOS CORINHOS

Os russos empregam agora os pombos correios para um outro fim: — depois de terem feito fotografias dentro d'um balão, confiam o cliché ao pombo que o transporta ao laboratório photographic.

SUSPENSOIR MILLERET elástique, sans sous-cuisses. *Le Gouidec*, rue J.-J.-Rousseau, Paris.



Printemps

NOVIDADES

Requisite-se

o catalogo general ilustrado, em portuguez ou em frances, contendo 580 gravuras (modelos, incólios) para ESTACAO d'INVERNO que se rebatizou a frances a quem o pediu, ou seja devidamente francesada e dirigida a

MM. JULES JALUZOT & C°

PARIS

Este Catalogo indica os condicões para a expedição franco de parte em França, Inglaterra, Espanha, Portugal, Brasil, Repúblicas Hispano-Americanas, pelos primeiros meios de comunicação de Peito, Tossa, Crianças franzinhas, Tumores, Irrupções da Pele, Pessouas fracas, Flóreas-branças, etc. O Oleo de Bacalhau de HOGG é o mais rico nos principios activos.

Todos sítios em forma TRIANGULAR, dão-se sobre a Envelope: *Ento ouvi do Estado Francês.*



OLEO DE HOGG

de PEGADO FRESCO de BACALHAU

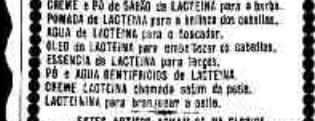
NATURAL & MEDICINAL

Recebido desde 40 ANOS, em França, Inglaterra, Espanha, Portugal, Brasil, Repúblicas Hispano-Americanas, pelos primeiros meios de comunicação de Peito, Tossa, Crianças franzinhas, Tumores, Irrupções da Pele, Pessouas fracas, Flóreas-branças, etc. O Oleo de Bacalhau de HOGG é o mais rico nos principios activos.

Todos sítios em forma TRIANGULAR, dão-se sobre a Envelope: *Ento ouvi do Estado Francês.*

Ento Piscitário: 1886, 7, rue Castiglione, PARIS

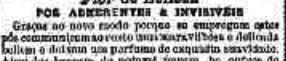
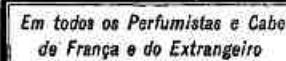
• EM TODAS AS PHARMACIES



ELIXIR GREZ

TONICO - DIGESTIVO com QUINA, COCA & PEPSINA
APROVADO POR TODOS OS HOSPITAIS - Medalhas de Ouro & Diplomas de Honra

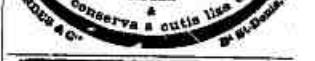
PARIS - GREZ, 34, rue La Bruyère, e em todas as PHARMACIES



ELIXIR GREZ

TONICO - DIGESTIVO com QUINA, COCA & PEPSINA
APROVADO POR TODOS OS HOSPITAIS - Medalhas de Ouro & Diplomas de Honra

PARIS - GREZ, 34, rue La Bruyère, e em todas as PHARMACIES





ANFOS E O CERIMÔNIA DO DESSAL.

O BOSO E O SEU GUARDA.

DESTITUÇÃO DE ARQUITETOS: O TAE-PAU.

O GONGO.

2-7

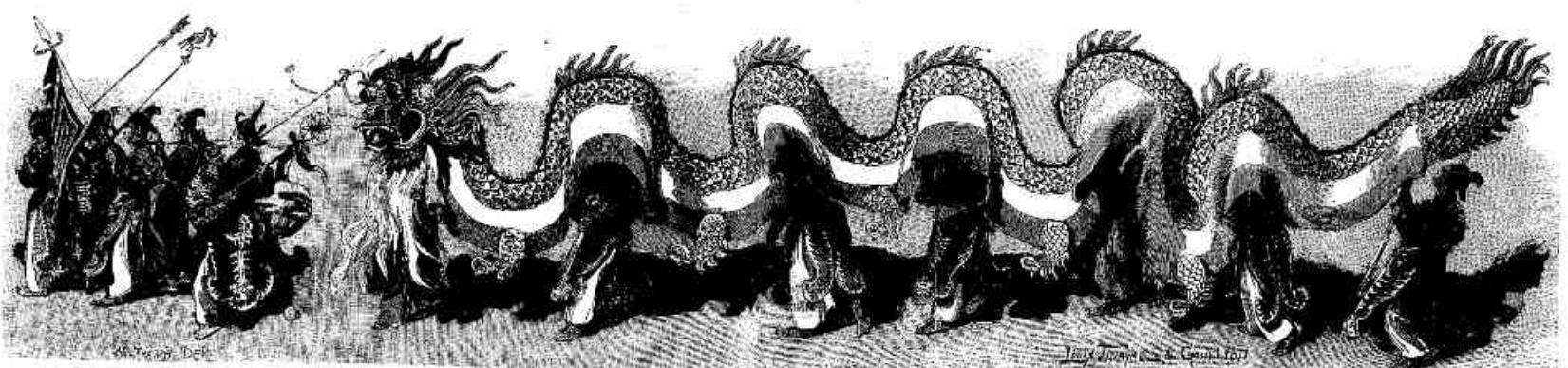


FONTE-SAMBÔNE E POLCA-LARANJAS.

REDETE E MELON.

FONTE-VERMELHA.

O CALAFRUA.



A SOLA.

O DRAGÃO.

Fonte-Verde e o Gengibre.

A ILLUSTRAÇÃO

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS. - AS FESTAS COLONIAIS NA ESPLANADA DOS INVALIDOS



CAVALHEIROS CUBINHOS E BURGALHOS.

ANGOLINOS.

TCHINHO.

JERIABOS.

PORTO-RAIO-RAS.

QUERINTOS.



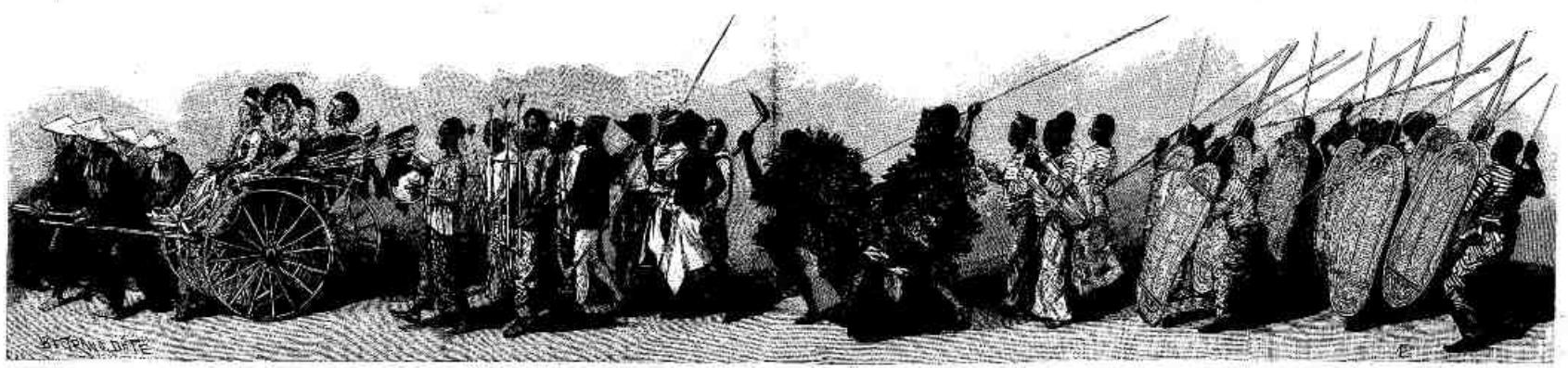
A NHA ARRUDA.

DEFILE DAS ACTORES ANGOLINAS.

CONCESSION TURQUINA E ANGOLINA.

MULHERES DO SERGAL.

MULHERES DA NOVA-CALDÔNA.



AS JAVAPIAS.

MUNICIA JAVAPIA.

GANAQUE.

GUAJACOS EM COSTUME DE GUERRA.

MUSICA DO GONZ.

PAROTES.

GABAO.

GONZ.